

PECULIARIDADES NA LEITURA DE TEXTOS DRAMÁTICOS

VANDERSON DE SOUZA NEVES (UEL).

Resumo

Este trabalho tem como principal proposta apontar peculiaridades encontradas em textos literários dramáticos e sua influência direta na forma de se ler esse gênero textual. Para tanto selecionamos peças brasileiras e norte-americanas de autores como Oswald de Andrade, Edward Albee, Arthur Miller e Eugene O'Neill, das quais foram retiradas trechos de indicações cênicas e de diálogos entre personagens que ilustram de forma clara as peculiaridades do texto dramático. Outro ponto abordado neste trabalho é a rara utilização de textos dramáticos em sala de aula durante o ensino médio, mesmo esse tipo de literatura tendo um tamanho reduzido (comparado ao romance) e uma linguagem simples e direta (comparado à poesia) que conduz o leitor do início ao desfecho da estória através de uma leitura fluente. Apoiar-nos-emos em estudos teóricos sobre teoria do drama e gênero literário e utilizaremos os dados de uma pesquisa realizada por nós com alunos de alguns colégios da rede pública de ensino da cidade de Londrina, os quais foram questionados acerca de seus conhecimentos sobre literatura dramática e suas características. Pretendemos não somente ressaltar características singulares do gênero dramático, ilustrando aspectos de sua estrutura, como também resgatar a importância da leitura de literatura dramática na escola que, infelizmente, é pouco lida e explorada.

Palavras-chave:

leitura, literatura dramática, ensino.

1. Peculiaridades do Texto dramático

As peculiaridades do texto dramático não se limitam apenas a uma narrativa direta com pouca descrição, elas vão bem, além disso. Esse tipo de literatura guia seu leitor por um caminho claro que tem como principal objetivo o seu desfecho. A ação é um fator decisivo na literatura dramática. De acordo com Staiger (1975):

"Totalmente diverso é o que se dá como o espírito dramático. Este não se preocupa absolutamente com novidades. Seu interesse dirige-se menos às coisas, que à finalidade que ele tenciona dar-lhes. Toma-as como sinal, justificação ou evidência de seu problema." (p. 141).

Staiger reforça que a obra dramática não é dependente de detalhes e exemplificações que, na maioria das vezes, não passa de rodeios. E essa peculiaridade do texto dramático poderia ser usada como uma ferramenta no ensino de literatura, pois possibilitaria um contato mais direto do aluno com uma obra completa (de um tamanho relativamente curto) e com um enredo sedutor.

"De acordo com o mundo conscientemente apreendido, o autor dramático ordena todas as particularidades do drama e não descansa até fazer tudo girar em torno

dessa idéia única, dirigi-se a ela, e torna-se à sua única luz inteiramente claro e transparente. Afasta indiferentemente tudo o que não lhe diga respeito. Por isso, olhando-se de parte, pode se julgar sua obra mais pobre que a composição épica [...]. Via de regra não se dá mais atenção especial ao comer ou beber, o autor dramático negligencia-os como a tudo que não se relacione intimamente com o problema central." (STAIGER, 1975: 142).

Na cena o foco é dado ao problema. Sentimentos são descritos apenas por rubricas sintetizadas: "ENTEADA (*alegre*)" (PIRANDELLO, 2003: 318) "ATRIZ PRINCIPAL (*interrompendo o com desgosto*)" (PIRANDELLO, 2003: 318) "DIRETOR (*com impaciência*)" (PIRANDELLO, 2003: 319). Assim como ações "MARY (*desviando o olhar*)" (O'NEILL, 1977: 47) "TYRONE (*baralhando desajeitadamente as cartas*)" (O'NEILL, 1977: 157). Através desses exemplos temos uma visão clara da estrutura do texto dramático. A descrição do ambiente e dos personagens se dá normalmente no começo da peça, como é o caso de *O rei da vela* de Oswald de Andrade (1976) "Em São Paulo. Escritório de usura de Abelardo & Abelardo. Um retrato da Gioconda. Caixas amontoadas. Um divã futurista [...]" (p. 63), apesar da riqueza de detalhes essa é a única vez em que Oswald descreve o cenário do escritório de usura.

O texto dramático é tão peculiar que mesmo quando são comparadas duas obras de um mesmo autor (uma dramática e outra épica) podemos perceber as diferenças que se apresentam de forma gritantes.

"ENTEADA (*apressada, para evitá-lo, não contendo a antipatia.*) Não, senhor! Eu mesma tiro! (*Tira o chapéu, rápida, trêmula.*) (*A Mãe assiste à cena, com o Filho e os dois menores, e acompanha, com expressão de dor, de desdém, de horror, as palavras e as ações do Pai e da Enteada.*)" (PIRANDELLO, 2003: 330).

A estrofe acima foi retirada da peça *Seis personagens a procura de um autor* de Luigi Pirandello, e podemos observar que apesar de as rubricas serem maiores que as falas, elas apenas indicam ações e sentimentos de uma forma um tanto sintetizada. Já em outra estrofe de uma romance do mesmo autor, *O falecido Mattia Pascal*, há uma valorização maior do estado de espírito dos personagens.

"Por mais que procurasse, com um violento esforço, não trair a agitação dos meus sentimentos, não pude impedir que ela me visse, quando menos, perturbado. Perturbada estava ela também, mas pelo pudor, que não lhe permitia mostrar-se alegre como desejaria por encontrar-me, finalmente, sarado, na luz e satisfeito... Não? Por que não? Mal ergueu os olhos para olhar-me; corou; entregou-me um envelope." (PIRANDELLO, 2003: 207).

Essa seria a maior peculiaridade do texto dramático: enfatizar o problema pelos quais os personagens estão passando.

Segundo David Ball (1999), que escreveu um guia para a leitura de peças teatrais, "Uma ação é constituída de dois eventos: um detonador e um monte. Cada monte se torna um detonador da ação seguinte, de modo que as ações são como dominós, tombando cada um sobre o próximo." (p. 29).

Muitas pessoas julgam o texto dramático como sendo mais "podre" que o épico por ele apresentar uma linguagem mais direta. E muitos só encaram este tipo de literatura como algo feito para ser encenado. Mas isso é um julgamento errôneo. O drama não vive somente no palco, ele existe, assim como a poesia e a prosa, a partir do instante em que é escrito. E é direcionado a leitores ou espectadores. Muitas das peças escritas por grandes autores nunca foram encenadas, mas isso não as faz menos literárias que as grandes peças encenadas até hoje, pelo mundo todo. Toda peça, inevitavelmente, é encenada, em nossas mentes, todas as vezes que as lemos.

2. PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo surgiu a partir de três questionamentos: os alunos do ensino médio lêem obras literárias por que gostam, ou por que são obrigados? Seria possível deixar que os alunos escolhessem que obras de cada autor gostariam de ler? De que adianta os alunos lerem uma obra densa e complexa se o que vai ser cobrado pelo professor será uma análise gramatical?

Com base nestes postulados desenvolvemos um questionário extremamente simples e objetivo, que nos ajudou a entender como os alunos se relacionam com obras dramáticas e quais suas frequências de leitura.

Através da pesquisa de campo desenvolvida em quatro escolas públicas da cidade de Londrina, constatou-se que os alunos de ensino médio não têm contato com textos dramáticos e que o que eles conhecem a respeito de obras importantes da literatura nacional e estrangeira foi adquirido por filmes ou representação em palco.

A primeira pergunta do questionário foi: Você geralmente lê ou assiste às peças teatrais? As respostas foram quase que unânimes, mais noventa por cento dos duzentos e dezoito alunos questionados responderam que assistem a peças ao invés de lê-las. Em uma conversa com alguns desses alunos, descobri que eles não sabiam a diferença entre texto dramático e épico. Um deles chegou a dizer que achava que *Romeu e Julieta* era um romance.

Na segunda e terceira pergunta os alunos foram questionados a cerca de quais peças eles conhecem e já leram, e dentre vários autores como Oswald de Andrade, Arthur Miller, Eugene O'Neill e Ariano Suassuna, destacam-se *O auto da compadecida*, *Hamlet* e *Romeu e Julieta* com indicações quase que unânimes pelos alunos, enquanto que as outras obras (inegavelmente importantes para a literatura nacional e estrangeira) se mostraram quase que desconhecidas. O que comprova que os alunos não têm contato com a literatura dramática, excetuando aquelas que são divulgadas através do cinema ou outros meios de mídia.

A última pergunta foi se eles gostavam de ler, 70% disseram que não. E os 30% restantes, provavelmente, só responderam que sim por causa de autores como Sidney Sheldon, Stephenie Meyer, Paulo Coelho, J. K. Rowling entre outros. O que demonstra que os alunos não têm interesse pela leitura, e que quando simpatizam com algum escritor, que não faça parte da *Grande Literatura*, são desmotivados a ler por seus próprios professores. Mas o que pode ser considerado Literatura ou não? Em uma crítica exposta pela escritora Márcia Abreu (2006), ela nos mostra quais os critérios que classificam uma obra como sendo *Literária* ou não:

"Por trás da definição de *literatura* está um ato de seleção e exclusão, cujo objetivo é separar *alguns* textos, escritos por *alguns* autores do conjunto de texto em circulação. Os critérios de seleção, segundo boa parte dos críticos, é a *literariedade* imanente aos textos, ou seja, afirma-se que os elementos que fazem de um texto qualquer uma obra literária são internos a ele e dele inseparáveis, não tendo qualquer relação com questões externas à obra escrita, tais como o prestígio do autor ou da editora que o publica, por exemplo." (p. 39).

Portanto, na teoria, o texto literário em si carrega uma "excelência", independentemente de quem o escreveu. Mas na prática isso não ocorre, pois muitos textos que fazem parte do currículo escolar e aparecem em livros didáticos são vistos como "chatos" e "desinteressantes" pelos alunos. E essa falta de liberdade de escolha acaba causando um sentimento de aversão à leitura. Os professores deveriam utilizar o poder que os *Best-sellers* produzem sobre os jovens para seduzir os alunos e envolvê-los com o ato da leitura, pois muitos leitores de Machado de Assis começaram lendo a *Série vaga-lume*.

[...] que torna um texto *literário* não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos. O prestígio social dos intelectuais encarregados de definir *Literatura* faz que suas idéias e seu gosto sejam tidos não como uma opinião, mas como a única verdade, como um padrão a ser seguido. (ABREU, 2006: 40-41).

De acordo com o parágrafo acima, vemos que todos os tipos de literaturas são válidos quando a finalidade é a leitura, e que muitos gêneros literários que hoje se encontram afastados da realidade das escolas públicas, como é o caso do teatro e o cordel, deveriam ser aproveitados, em sala de aula, pelos professores.

A proposta dessa pesquisa não é apontar os autores e obras canônicas lecionadas em escolas públicas como sendo escolhas errôneas, mas sim possibilitar uma abertura para experimentar novas obras. Pois Machado de Assis não escreveu apenas *Dom Casmurro*, ele escreveu várias peças de teatro, que são desconhecidas pela maior parte de seu público leitor. Assim como, outros autores reconhecidos e considerados canônicos.

Referência:

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ANDRADE, Oswald de. *A morta, O rei da vela, O homem e o cavalo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. (Obras completas).

BALL, David. *Para trás e para frente: um guia para leitura de peças teatrais*. São Paulo: Perspectiva S.A, 1999.

MILLER, Arthur. *A morte do caixeiro viajante*. São Paulo: Abril S.A, 1976.

O'NEILL, Eugene. *Longa jornada noite adentro*. São Paulo: Abril S.A, 1977.

PIRANDELLO, Luigi. *O falecido Mattia Pascal / Seis personagens à procura de um autor*. Tradução de Fernando Correa Fonseca. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.